

Lotman e Baudrillard: da semiosfera à iconolatria da mediasfera

BARROSO,

Paulo Moutinho

Instituto Politécnico de Viseu (Portugal)

Vivemos hoje em uma nova esfera de comunicação. Agora, as imagens predominam e são signos mais imanentes e contingentes do que nunca. Essa nova esfera de comunicação afecta as relações sociais. Passamos a interagir por meio das imagens e num nível virtual, usando computadores e dispositivos electrónicos como os *smartphones*, permanecendo *online* (imersos na cibernética) e numa interacção em rede (conectados pela comunicação *all-to-all*).

A produção, transmissão e recepção de signos nas sociedades contemporâneas caracterizam-se pela velocidade, imediatismo e efemeridade. A informação e a comunicação circulam numa velocidade que os torna produtos instantâneos, *flashes* superficiais e descartáveis do cotidiano. Os signos estão em todos os espaços e dominam todas as culturas. Apela a todos e convidam/forçam à sua interpretação, afectando e influenciando a nossa compreensão do mundo. O uso de signos também é imediato e instantâneo. Os signos são rapidamente recebidos, consumidos e substituídos por outros signos, pois são descartáveis.

Hoje vivemos num espaço e numa cultura que é global e tendencialmente virtual. É o resultado da transição da tradicional recepção de informação para uma nova dimensão moderna de comunicação digital e instantânea. As culturas mudam, assim como as formas, os meios técnicos e os canais de comunicação e informação. Dos sistemas e modelos tradicionais de comunicação e mediação às modernas formas digitais de comunicação e mediação, surgem novos modelos, ambientes virtuais interactivos, uma esfera com mais interactividade, compartilhamento e imersão, e novos níveis de representação virtual e interactiva.

É nesse sentido que Baudrillard (2005, p. 31) considera imersão, imanência e imediatismo como características do virtual. O mundo interactivo abole a linha de demarcação entre o sujeito e o objecto (Baudrillard, 2005, p. 78). Vivemos na hiper-realidade das simulações? Tudo é uma imagem/signo? As imagens substituem o significado e a autenticidade da experiência humana?

Vivemos hoje numa esfera pública híbrida (virtual e real), que se divide entre momentos e interacções *online* ou *offline*. É uma esfera pública cada vez mais crivada de signos, em particular de imagens; uma esfera de significados ressemantizada, como sempre foi, mas agora com mais e diferentes significados, porque há mais signos, mais visibilidade e signos são principalmente imagens. Esses signos (imagens) também são gradualmente apelativos, retóricos, sedutores, narcóticos. Segundo Baudrillard (1993, p. 153), “a fotografia é nosso exorcismo. A sociedade primitiva tinha as suas máscaras, a sociedade burguesa

seus espelhos, e nós temos as nossas imagens”. A partir de uma perspectiva diferente da de Baudrillard, mas original, contundente e igualmente crítica sobre a proliferação dos signos e sua função distractiva e alienante na sociedade, Debord (1995, p. 12) adverte que vivemos numa cultura do espectáculo, e o espectáculo não é uma mera colecção de imagens; antes, “é uma relação social entre pessoas mediada por imagens”. A nova esfera da comunicação é definida por uma espécie de iconolatria moderna em relação ao espectacular, que é disruptivo para a esfera pública dos signos e seus usuários, usos e interacções. Portanto, as relações sociais e comunicacionais são paradoxais. Servem para criar coesão, compartilhamento, comunidade e são invisíveis e visuais, acidentais e globais, *online* e *offline*, contíguas (imediatas) e mediadas pela nova mediasfera tecnológica (um termo cunhado por Hartley seguindo a designação de semiosfera de Lotman). Enquanto a semiosfera de Lotman é todo o universo cultural de uma cultura (a sua fala, comunicação e sistemas textuais), a mediasfera de Hartley é uma esfera menor dentro da semiosfera, inclui toda a produção dos *media* de massa.

Hoje, com a globalização, assistimos a transformações profundas em todos os domínios (tecnológico, comunicacional, social, cultural, económico, político, geográfico etc.) da vida humana. Os desenvolvimentos tecnológicos trazem mais complexidade e diversidade na nova esfera mediática. Os usos e efeitos nas transformações da vida colectiva e cotidiana, bem como as inter-relações entre as sociedades humanas e as formas de comunicação, são ainda mais relevantes. Por isso, se tornam objecto de estudo de interesse geral. Como aponta Luhmann (1981, p. 122) no ensaio “A improbabilidade da comunicação”: “sem comunicação não pode haver relações humanas, na verdade não pode haver vida humana”. As formas e os meios de comunicação são multiformes. As sociedades são estruturas relacionais e sistemas de interacções muito complexos e abrangentes para serem ambas (a comunicação e as sociedades) objectos de estudo unívoco e monodisciplinar.

Nessas circunstâncias, o conceito de semiosfera, originalmente apresentado por Lotman em 1984, adquire uma renovada importância, camada e pertinência nessa nova esfera de visibilidade, ou seja, uma esfera baseada na proliferação de imagens e uso de dispositivos para produzir, reproduzir e consumir imagens.

Seguindo uma abordagem teórica, esta proposta parte do conceito de semiosfera de Lotman para conceptualizar e problematizar os processos de semiose de uma esfera contemporânea de imagens que se traduz numa iconolatria, devido ao aumento dos modos visíveis de comunicação. O objectivo principal é sustentar uma perspectiva continuada e crítica sobre o papel e o excesso dos signos em nossas culturas, por um lado, e relacionar Lotman e Baudrillard, por outro, pois ambos alertaram criticamente para o excesso moderno de signos visuais em nossas actuais sociedades materiais e de massa, onde apelos sedutores e influentes ao consumo são omnipresentes e constantes.

No entanto, mesmo estando imersos na semiosfera, ela não é uma esfera de interacção caótica ou irregular (Lotman, 2005, p. 219). A “era das massas” tornou-se um mercado consumidor global e em rede. Os tradicionais e novos *media* são indústrias de massa especializadas na produção e transmissão de signos e significados. A génese das sociedades de massa reside no papel dos meios de comunicação que actuam globalmente e ideologicamente e têm cada vez mais influência na cultura e no espaço. Para Baudrillard (1990, p. 21), a sedução possui signos nas relações sociais baseadas em aparências, artifícios,

significados; uma ordem ritual com regras peculiares; e formas de pensamento. As massas são psicologizadas e seduzidas pelas imagens dos *media*. É como se tudo fosse movido pela sedução, ideologia, desejo, ilusão etc. difundidos em uma nova esfera mediática.

Como aponta Baudrillard, a sedução/simulacro é comunicação e funcionamento do social dentro de um circuito fechado, onde os signos duplicam uma realidade indecifrável. O contrato social tornou-se um ‘pacto de simulação’ selado pelos *media* e pelas notícias (Baudrillard, 1990, p. 163). Essa mediasfera é vivida como um ambiente, um serviço ou holograma do social, afirma Baudrillard, e as massas respondem à simulação de sentido com desafecto e às ilusões com uma crença enigmática. A força do mercado está ligada à importância dos hábitos de consumo, que são accionados por técnicas de comunicação e sedução (publicidade, marketing etc.) e discursos públicos estruturados na esfera mediática.

Portanto, Lotman e Baudrillard são relevantes para uma semiótica reconfigurada da cultura, para o estudo das culturas actuais e esferas culturais, as novas esferas mediáticas e todos os dispositivos e mecanismos de geração de sentido que definem nosso ecossistema cultural e mediático.

Referências

- Baudrillard, Jean. **Seduction**. Montreal: New World Perspectives, 1990.
- Baudrillard, Jean. **The transparency of evil: Essays on extreme phenomena**. London: Verso, 1993.
- Baudrillard, Jean. **The intelligence of evil or the lucidity pact**. Oxford: Berg Publishers, 2005.
- Hartley, John. **Popular reality: Journalism, modernity and popular culture**. London: Arnold, 1996.
- Lotman, Jury. **Universe of the mind. A semiotic theory of culture**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- Lotman, Jury. On the semiosphere. **Sign System Studies** (33-1), 205-226, 2005.
- Lotman, Jury. **Culture and explosion**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.